


# Meu tempo, meu espaço?

## reflexões sobre temporalidades jornalísticas e no jornalismo



Denise Figueiredo Barros do Prado<sup>1</sup>  
Frederico de Mello Brandão Tavares<sup>2</sup>  
Michele da Silva Tavares<sup>3</sup>

**Resumo:** O espaço, mais do que um plano onde se inscrevem sistemas e objetos, é uma articulação material e imaterial, resultado da ação temporal dos sujeitos no mundo. Neste trabalho, propõe-se refletir sobre o binômio tempo/espaço, revelando, por meio de um estudo de caso, traços da relação jornalismo e sociedade. Tem-se como objeto de análise a edição #251, de fevereiro de 2016, da revista brasileira *TRIP*, um volume especial sobre o espaço e as formas de se habitá-lo. A partir da interpretação dos sentidos movimentados pela empiria, busca-se indicar formas de apreender as afetações existentes entre produção e representação, no âmbito de uma publicação, considerando como, reciprocamente, espacialidades e temporalidades indicam caminhos para a compreensão de historicidades editoriais.

**Palavras-chave:** Espaço; Tempo; Historicidade; Revista *TRIP*.

### My time, my space? reflections on journalistic temporalities and journalism

**Abstract:** Space, more than a plane where systems and objects are inscribed, is a material and immaterial articulation, a result of the people temporal action in the world. In this paper, it is proposed to reflect upon time/space binomial, revealing, through a case study, traces of the relationship beyond journalism and society. The object of analysis is Issue #251, of February 2016, of the Brazilian magazine *TRIP*, a special volume about the space and the ways of inhabiting it. From the interpretation of the meanings moved by empirical, it seeks to indicate ways of apprehending the existing affects between production and representation, within the scope of a publication, considering how, conversely, spatialities and temporalities indicate ways to understand editorial historicities.

**Keywords:** Space; Time; Historicity; *TRIP* magazine.

1 Professora de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da mesma Universidade. É Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Integrante do GIRO – Grupo de Pesquisa em Mídia e Interações Sociais (UFOP/CNPq). Atualmente, desenvolve Estágio de Pós-doutorado junto à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (CHAMADA CNPq nº 08/2019).

2 Docente e pesquisador da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP, Brasil), onde atua no curso de Graduação em Jornalismo e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM). É integrante do GIRO – Grupo de Pesquisa em Mídia e Interações Sociais (UFOP/CNPq). Cumpriu Licença de Pós-doutorado junto à Universidad Nacional de La Plata (UNLP, Argentina). Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

3 Professora Adjunta do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Doutora em Comunicação Social, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Integrante do GIRO – Grupo de Pesquisa em Mídia e Interações Sociais (CNPq/UFOP).

## ¿Mi tiempo, mi espacio? reflexiones sobre temporalidades periodísticas y periodismo

**Resumen:** El espacio, más que una superficie donde se inscriben sistemas y objetos, es una articulación material e inmaterial, es el resultado de la acción temporal de los sujetos en el mundo. En este trabajo, se propone reflexionar sobre el binomio tiempo-espacio, revelando, a través de un estudio de caso, rastros de la relación entre el periodismo y la sociedad. El objeto de análisis es el número 251, de febrero de 2016, de la revista brasileña *TRIP*, un volumen especial sobre el espacio y las formas de habitarlo. A partir de la interpretación de los significados movidos desde la textualidad de la edición, buscamos indicar formas de aprehender los afectos existentes entre producción y representación considerando cómo las espacialidades y las temporalidades indican formas de entender historicidades editoriales.

**Palabras clave:** Espacio; Tiempo; Historicidad; *TRIP* magazine.

### 1 Introdução

Propomos neste artigo partir de uma edição temática da revista brasileira *TRIP* e, por meio de um gesto metodológico que cruza as categorias de tempo e espaço, focar na compreensão de um *todo editorial* no qual tal edição está inserida. Procura-se não apenas ater-se àquilo que uma única edição aborda e aos modos como o faz, como também reconhecer uma transversalidade editorial que atravessa produtos jornalísticos e permite colocar uma identidade como prisma de problematização, uma vez que se tem coberturas midiáticas como objeto.

*TRIP*, lançada em dezembro de 1986, possui longa trajetória no mercado de revistas brasileiro. Suas 286 edições (até março de 2020), enquanto revelam uma constituição editorial marcada por preceitos de diferenciação de cobertura – desde o seu nascimento, a revista advoga para si um perfil de militância e vanguardismo no interior de um segmento voltado para o público masculino –, também apontam para um modo produtivo que assume o tempo e o espaço como operadores de uma identidade (TAVARES, 2018). Assim, reconhecida sua trajetória, pode-se ver seu prolongamento no tempo a partir de continuidades e determinações, entrecruzadas por contradições e paradoxos, que, num movimento sincrônico e diacrônico, revelam sua unicidade e singularidade num *continuum* de sentidos editoriais. Nesse contexto, uma edição da revista pode esgotar-se em si

mesma, tematicamente, por exemplo, mas estar atravessada por organizações discursivas que remetem a uma historicidade. Como apreender esse movimento? O que isso significa?

Tavares (2009) e Benetti et al. (2011) indicam, no jornalismo de revista, a temporalização como vetor na cobertura de temas amplos da vida cotidiana, não exatamente ligados à ocorrência de um fato, mas às temporalidades que o atravessam e que tramam as possibilidades de suas leituras. Na edição em tela – a Edição #251 – de fevereiro de 2016, o especial “Minha casa, minha vida”, mais que o tempo, também o espaço, aparece como mote explícito para uma cobertura, fazendo oscilar uma dimensão operacional da identidade editorial e uma dimensão representacional a partir da temática tratada em suas textualidades. Como afirma Leal (2018, p. 23),

Sendo processos comunicativos e pragmáticos, as textualidades desestabilizam as relações temporais e de sentido que definiriam a princípio os limites e os contornos dos textos. Afinal, um texto não é simplesmente um produto, um resultado final de uma prática sociodiscursiva historicamente situada, mas algo que emerge em seu desenrolar, na multimodalidade e multidimensionalidade desses processos.

Observados os significados desses movimentos singulares e multimodais, investigamos como tempo e espaço se cruzam no jornalismo da TRIP enquanto conteúdo, e refletimos sobre como tal relação indica caminhos para debater e analisar temporalidades no e do jornalismo. Nesse viés, a dinâmica da produção jornalística e da representação do mundo por ela promovida deve ser complexificada para além de lugares normativos ou contitudísticos.

O tempo, tal como sugere Koselleck (2006, p.9), pode ser visto “como construção cultural que, em cada época determina um modo de relacionamento entre o já conhecido e experimentado como passado e as possibilidades que se lançam ao futuro como horizonte de expectativa”. Sob essa visada, é possível, então, inferir que os processos comunicacionais, em diversas formas de expressão (incluindo aí suas manifestações na mídia e respectivas interações), são constituídos de dimensões temporais que apontam para um “espaço de experiência” (tempo passado) e um “horizonte de expectativa” (como projeção de um tempo futuro). Isso evoca, como aponta Hartog (2013), “regimes de historicidade”, ou seja, maneiras de engrenar passado, presente e futuro ou de compor um misto das três categorias.

A articulação do tempo está associada à própria experiência temporal, que se manifesta na realidade de forma explícita ou

implícita, costurando relações sobre um determinado tempo presente e, por conseguinte, acionando uma tessitura que move conjuntamente “camadas” de passado e futuro. Em nossa abordagem, conforme discutiremos adiante, a experiência temporal não pode ser lida desvinculada do espaço no qual se desenrola: o espaço é um plano onde se inscreve uma constelação de objetos, uma articulação material e imaterial, que ganha sentido na ação temporal dos sujeitos no mundo.

A nosso ver, a Edição #251, de fevereiro de 2016, da revista TRIP, ao chamar a atenção para essa organização do tempo associada ao espaço a partir do tema “casa” nos impele a reflexões<sup>4</sup>. Ao falar de um habitar e, portanto, de uma apropriação dos sujeitos sobre o mundo concreto onde circulam, a publicação elege o “espaço” como eixo central de sua cobertura. “*Minha casa, minha vida? Uma edição especial sobre a importância do espaço que habitamos. Desde a nossa cidade, até ao nosso próprio corpo*”, diz a revista na divulgação da edição na capa do volume impresso e na internet<sup>5</sup>. Mais que um jogo com o nome de uma política pública recente e relevante no cenário brasileiro na última década – o projeto “Minha casa, minha vida”, do Governo Federal – está convocada uma maneira de extrapolar o “espaço” e seus sentidos, trazendo a ele(s) um jogo com temporalidades, experiências e subjetividades.

A dupla de capas (**Figura 01**) da Edição #251 de TRIP – traço típico da revista – traz a imagem do ator Juliano Cazarré, sem camisa, ao lado de uma prancha amarela com um muro de concreto atrás de si, criando uma sensação de dureza conflitiva com as expectativas assinaladas pela prancha. Na outra capa, temos a imagem da estudante de arquitetura Xu Ibiapino, nua, coberta por um *voile*, com um campo aberto ao fundo, no qual aparecem gramado, árvores, flores e um facho de luz toca sua silhueta. Tais capas devem ser lidas aos pares: o masculino é associado ao espaço concreto e urbano; o feminino, ao idílico e bucólico. Isto nos mostra que o espaço é mais do que um pano de fundo dado, no qual se tem a presença dos sujeitos; ele é ordenado para construir sentidos, para afetar as percepções do ambiente e do contexto comunicacional. Isso nos sinaliza que o espaço é marcado por sentidos sociais, associações, representações e maneiras de ser e estar no mundo. E cabe a esses sentidos de espaço encarnar um perfil editorial.

4 Tavares e Prado (2017) analisam as noções de saudade e nostalgia representadas em uma edição da revista TRIP e indicam que a relação da revista com a temporalidade como referente faz parte de seu histórico editorial.

5 Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/revista/trip/251> Acesso em 30 Mar. 2020.

Figura 01: Capas da Revista TRIP #edição 251, fevereiro de 2016.



A opção pelo espaço e sua explicitação como norte de uma pauta “única” trabalhada pela revista TRIP, na Edição #251, permite perguntar sobre como sua temática principal – conteúdo e referente – oferece pistas para refletir sobre afetações conjuntas entre o jornalismo e seus contextos e, principalmente, entre o próprio espaço e tempo como fenômenos sociais e conceitos, bem como eixos de organização editorial. Por essa perspectiva, a revista joga luz – direta e indiretamente – sobre um binômio “espaço-tempo” cuja problematização pode contribuir para a discussão de outros esforços que vêm tentando abordar as temporalidades a partir de um viés comunicacional (BARBOSA, 2017; BARBOSA, RÊGO, 2017; LEAL, CARVALHO, 2017; RIBEIRO, LEAL, GOMES, 2017; RIBEIRO, MARTINS, ANTUNES, 2017).

A partir do conjunto verbovisual (ABRIL, 2007) constituinte da edição, tendo em vista como certas estratégias narrativas das textualidades jornalísticas carregam complexidades simbólicas, é que se busca 1) realizar uma análise metonímica acerca de processos editoriais mais amplos – que perpassam uma edição e tangenciam um conjunto delas; assim como 2) olhar para temporalidades no e do jornalismo, ora tomando-as como objeto de uma cobertura, ora considerando-as como maneira jornalística de lidar com temas mais amplos e menos factuais, criando para eles contextos e contextualizações.

## 2 Contiguidades entre tempo e espaço para chegar à TRIP

No mundo material, vemos a passagem do tempo. Ainda que não seja uma unidade sempre tangível, observamos suas marcas (seja pelo amadurecimento, pelas rugas ou pelo desbotamento). Ao tentar apreender o aqui/agora dos fenômenos, conseguimos ponderar um antes e antever um depois. Isso nos revela duas questões: primeiro, percebemos que embora não possamos isolar o tempo e vê-lo em si, o reconhecemos enquanto *mudança*; segundo, apesar da sua imaterialidade, é possível notar suas marcas tocando e incidindo no espaço. Assim, o tempo se torna evidente para nós por aquilo que move e pelo que perdura, de modo que o espaço se torna abrigo e campo de inscrição destas manifestações do tempo, ambiência na qual tecemos nossa experiência de sujeitos no mundo.

Problematizando essas transformações, Georg H. Mead (1932) discute o presente como lugar de constituição da realidade: é nele que articulamos a existência dos fenômenos com os quais vamos nos relacionar e compor nossa experiência social. Mead explica que o presente é ligado ao passado, mas não é condicionado por ele. No presente, há brechas através das quais nasce o novo, o repentino, capaz de promover descontinuidade e conferir movimento e dinamicidade ao campo de possíveis. Assim, o presente possui um caráter emergente, no qual há marcas do passado, mas também ajustamento e afetação. Ou seja, “na passagem do passado para o futuro, o objeto presente é tanto o antigo quando o novo e isto se mantém na relação com todos os outros membros do sistema ao qual ele pertence” (MEAD, 1932, p. 51, tradução nossa). É no entrecruzamento do passado antecedente com essas emergências que constituímos o real no qual nos localizamos. Assim, há um antigo/novo compondo nossa relação com o tempo que tem o potencial de “desarrumar” nossas expectativas futuras.

No esforço de organização das experiências temporais, estabelecemos causalidades com relação ao passado e isso gera uma sensação de continuidade. Porém, este processo trata-se antes de um esquema relacional de atribuição de organização à experiência do que uma organização já dada pelo próprio tempo. Esta afetação, fruto de um desenrolar temporal, se dá no espaço, inclusive remodelando a dimensão material da espacialidade na qual construímos nossa realidade. Por isso, o tempo é mais do que uma passagem evanescente e imponderável: é *no* e *com* o binômio espaço-tempo que as afetações acontecem, transformando e constituindo passado, presente e o futuro. Assim, a afetação pode ser entendida como ação organizadora e constituidora dos sentidos dos tempos no mundo social.

Milton Santos (2004) problematiza a “natureza do espaço”, compreendendo que o binômio formado pelo tempo e o espaço, menos

que indicar dois pontos, deve ser pensado conjuntamente e de maneira dialética, problematizando sua relação de contiguidade. Sob essa ótica, pensar o tempo é imediatamente pensar o espaço, existindo entre eles uma matéria, mas também uma ação entre referentes que solicita uma compreensão e/ou experiência por sujeitos. Nos termos do autor, “o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima” (2004, p. 62). Qualquer configuração territorial ou configuração geográfica possui uma existência material própria, incontestável. Porém, sua existência social, ou seja, sua existência real, só é passível de apreensão a partir das relações sociais. “O espaço é formado por um conjunto indissociável e solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (2004, p. 63). Nessa perspectiva, o tempo se configura em contexto, de modo que a própria relação tempo-espaço é sempre um compósito múltiplo e diverso de situações e processos.

Sem adentrar na ampla discussão realizada por Santos (2004) sobre os sentidos conceituais acerca dos “objetos” e das “ações”, vale pensar a variabilidade presente na relação tempo-espaço e como a atualidade que a envolve indica, por um lado, continuidades e, por outro, mudanças. “É o *instante* que valoriza diretamente os objetos. A cada momento muda o *valor* da totalidade (quantidade, qualidade, funcionalidade) isto é, mudam os processos que asseguram a incidência do acontecer, e muda a função das coisas, isto é, seu valor específico” (SANTOS, 2004, p. 158, grifos do autor). Por tal motivo, “o modelo de sistemas de objetos/sistemas de ações somente se estende como um modelo espaço-temporal” (2004, p. 158). A totalidade é vista pelo autor como uma latência, já que está sempre na condição de realização através da ação. É no presente que símbolos e ideologias ganham sentido, revelando a oscilação entre o concreto e o abstrato, pois ao mesmo tempo em que suas manifestações parecem externas à realidade, delas participam.

O tempo, nesse diálogo e em concomitância com o espaço, demanda algo importante: deve ser pensado não como linearidade e abstração, mas como simultaneidade, na qual diversas temporalidades e tensões coexistem e ocorrem de maneira “concreta”. Seria este o domínio propriamente dito da Geografia, afirma Santos (2004), o tempo da vida de todos; e sendo o espaço aquilo “que reúne a todos, com suas múltiplas possibilidades, que são possibilidades diferentes de uso do espaço (do território) relacionadas com possibilidades diferentes de uso do tempo” (p. 160).

Essa relação social com o tempo e o espaço é constitutiva de uma experiência narrativa dos regimes temporais. Marialva Barbosa (2017), baseada em Paul Ricoeur (1997), nos lembra que o tempo “é narrativa [...] nesse aspecto, o que não impede que se considerem

outras questões relativas à sua narratividade: o tempo instaura a vida; estabelece a experiência; [...] se torna palpável nas múltiplas configurações narrativas” (2017, p. 31). A participação dos sujeitos nesse processo, incluído aí o jornalismo, portanto, refere-se a atos enunciativos e a contextos relacionados a historicidades específicas que permeiam os processos comunicativos envolvidos, de modo que tempo e espaço são intrincados.

Há nesse jogo organizativo uma mobilidade que permite perceber o tempo como social, como uma construção de natureza mutável (BARBOSA, 2017), tal qual lembrava Mead (1932), sob outra chave de leitura. As mudanças e seu ininterrupto fluxo condicionam – necessariamente – a existência do tempo. E é sobre essa relação “espaço-temporal” que os sujeitos atuam em interação, direta ou indiretamente, de maneira recíproca, significativa e reflexiva, por meio de escolhas e ajustamentos (FRANÇA, 2006).

Na Edição #251 da revista TRIP, logo na capa, o mote do dossiê “Casa” está indicado: “Para nós e para quem pensa, vive e vê o mundo de maneira semelhante, a casa jamais se limitará a um lugar físico que possa ser delimitado por paredes e fechado com portas e janelas”. O editor Paulo Lima pergunta no título do editorial: “Sua casa fica onde?”. Seu argumento principal evidencia que “a noção de casa precisa ser muito mais flexível e ampla, se estendendo para os lados e muito especialmente para dentro. E para além de onde a vista alcança” (p. 26). E, nesse viés, conclui: “em todas as matérias contidas aqui, está um extrato poderoso da nossa visão do mundo. Ele e todas as suas potencialidades, em especial as que guardamos dentro de nós, são a casa que precisamos (e queremos) compartilhar da forma mais inteligente e amorosa com tudo e todos os que nela habitam” (p. 26).

Os principais 14 textos desta edição da revista TRIP formam um conjunto entre tantos outros que, na mídia e nos veículos jornalísticos, realizam um movimento de relação com a *atualidade* pelo viés do comportamento (BUITONI, 2009; CARLI, 2013; FREIRE FILHO, 2006; MIRA, 1999, 2004). Por meio de temas específicos (um grande assunto a cada edição mensal), a revista dá visibilidade a estilos de vida que não só explicitam formas de *habitar* o mundo, mas também de consumi-lo. Apresenta-se e representa-se, em suas páginas, um “presente” temporal, reconhecendo-o ideologicamente<sup>6</sup>.

Nesse *modo de fazer* da revista (BENATTI, 2005), que carrega uma historicidade de práticas relacionadas a este meio de comunicação, o tempo aparece não apenas como referente. Ele é uma espécie de engrenagem que permite a um tipo de manifestação jornalística construir dimensões acontecimentais a temas que aparentemente possuiriam uma certa atemporalidade. Tomar a “casa” como foco, tal qual faz TRIP em sua Edição #251, “extrapolando suas dimensões

6 Berger (2009) reflete sobre as construções discursivas no e do jornalismo, apontando para as estruturas ideológicas presentes em seus produtos e materialidades. Leal e Lage (2015, p. 67) lembram que publicações como TRIP formam “um segmento do mercado de publicações jornalísticas que, historicamente, afasta-se de uma linha editorial que orienta suas pautas prioritariamente pelos acontecimentos recentes, mostrando-se mais interessado em reportagens longas sobre temas e pessoas que seriam de interesse de seu público leitor”.



físicas”, remete a uma sociabilidade contemporânea que convoca e atribui (a)os sujeitos uma *participação*, seja como personagens (aqueles integrados às matérias textuais e visuais, fazendo *acontecer* o habitar), seja como leitores (aqueles que se identificariam com os conteúdos propostos), bem como aponta para lugares e espaços que situam e propõem de maneira indissociada formas de (a revista) habitar o mundo. Nesta edição, o tempo e o espaço figuram como temas e, simultaneamente, como liames de uma costura jornalística, pondo em cena, por meio de um olhar mais acurado, maneiras de ser das textualidades que habitam a TRIP.

### 3 Tempos e espaços na trama de uma edição de TRIP

Ao problematizarmos as relações entre o binômio espaço-tempo e transpor esta perspectiva para uma análise da edição de TRIP, observamos como a compreensão do tempo articulado ao espaço é marcada por uma tentativa de pontuar suas continuidades e mutações, afetando mutuamente o jornalismo e o conteúdo por ele produzido. Na sua Edição #251, especificamente, notamos o espaço é visto como ambiência em transformação, mas não uma transformação qualquer – ela é derivada da *ação* dos sujeitos e da *passagem* do tempo. Trata-se de uma materialização editorial que trabalha sobre temporalidades e espacialidades e as toma não apenas como referentes, mas também como valor noticioso que atualiza narrativa e discursivamente a identidade da revista.

A *ação* aparece como catalisadora de uma resistência, coincidente ao (pretensão) viés “militante” da publicação. Imprime uma estratégia de cobertura por meio de uma angulação sobre o espaço-tempo: uma vez que é impossível controlar e parar o tempo, cria-se maneiras de “burlar” suas lógicas, “enganá-lo”, impedir que seus rastros determinem nos nossos corpos, casas e mundos. Ao falar do tempo como passagem, explicita-se sua dimensão afetacional, reconhecendo que não se pode tratar dele em si. Ou seja: assume-se aquilo que o tempo faz (e o que se faz ao longo do tempo); observam-se as transformações como forma de afirmar a sua existência e a sua implicação no mundo. Reafirma-se o espaço e o tempo como um par, no qual, para além de um sentido gramatical evidente (a passagem precisa de um *lugar por onde* transcorrer), o espaço se torna um abrigo para a observação temporal, uma atualidade. Nas matérias de TRIP Edição #251, o binômio espaço-tempo traz para o discurso um reconhecimento daquilo que nos escapa e, para isso, reafirma a potência dos *sujeitos* de também deixarem suas marcas.

É assim que se estrutura a reportagem “Cinema em casa” (p.

64-68), na qual se apresenta a ocupação do Cine Marrocos pelo Movimento Sem Teto de SP (MSTS)<sup>7</sup>. Nela, faz-se uma descrição histórica da ascensão e queda do cinema, recupera-se o tempo das vedetes, narra-se o *glamour* das salas de exibição, tudo isso para ancorar a descrição de um local com nódoas nas paredes, esculturas rachadas, sujidades do contemporâneo, no qual os novos moradores constituem suas casas e ressignificam o espaço. A mudança surge de uma mescla: ação do tempo, ação dos sujeitos. Ambos, como forças diferentes que se articulam no espaço, são geradoras da criação/destruição/reinvenção. O espaço – antigo cinema, hoje ocupação – revela-se o contorno conturbado da relação dessas duas forças que, por princípios diversos, reconfiguram suas formas. As fotos da matéria operam esse contraste a todo momento, operando contrastes visuais de um antes e um depois da primeira à última página.

É interessante notar, no entanto, que nessa reportagem – numa narrativa cujo fundo aciona conflituosos debates sobre a questão habitacional no Brasil –, mesmo tratando o espaço-tempo associados à ação humana e à passagem do tempo, tem-se dificuldades em encarar a dimensão social das ações humanas, dotadas de ideologias, símbolos e significações que modificam e transmutam o espaço.

Procura-se descrever o espaço como campo comum de “evidências” (verificáveis pelo leitor através das imagens), procurando construir pela sua narrativa um tempo sem rasura, sem conflito, como se a materialidade fosse autoevidente da história. Recuperando Santos (2004), o tempo se configura em contexto, compósito múltiplo e diverso que, tensionado pelo espaço – conjunto indissociável e solidário também em suas contradições – revela um quadro permeado por brechas e dobras (dotadas de potência e pregnância do antigo/novo de Mead). Diante desses apelos e dessas afetações incontroláveis (e incontornáveis) a narrativa da revista desliza e se desestabiliza, tenta articular sentidos, concentra-se num espaço imaginativo de um cinema que nos seria nostálgico, convertido em casa, mas que lhe escapa. A presença e a ação dos sujeitos tensiona a estetização das imagens e lança ao leitor o desafio de extrair daí leituras sobre as questões de seu próprio tempo. Demonstra um limite da cobertura, porém aponta para linhas sensíveis que podem conectar aquilo é invisível a uma angulação jornalística e que se pode efetivar pela percepção dos leitores afetados por potências espaçotemporais.

A potência sensível de leitura a partir do espaço – que reverbera na compreensão das formas de organização e articulação dos seus elementos e daqueles que o habitam – é permeada por aspectos materiais e imateriais que povoam a experiência social. Tal compreensão se articula na coluna “Resistência”, de Alê Youssef, na qual são relatadas as transformações da região do Baixo Augusta, em

7 É válido ressaltar, diante da similaridade das siglas, que o Movimento Sem-Teto de São Paulo (MSTS), tratado na reportagem da TRIP, não possui qualquer vínculo com o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), dirigido por Guilherme Boulos. Destaca-se ainda que estes grupos sustentavam posições conflitantes e opostas no contexto social relacionado às ocupações urbanas. O grupo MTST reafirmava, recorrentemente, as diferenças de abordagem político-social e publicou diversas notas, à época da ocupação do Cine Marrocos, explicitando a divergência entre eles – principalmente porque o grupo MSTS tinha como prática cobrar alugueis dos moradores das ocupações, o que é condenado pelo MTST. Além disso, a reportagem não apresenta as dimensões políticas envolvendo a ocupação do Cine Marrocos, enfocando somente as questões espaciais relativas à conversão deste espaço a uma ambiência habitacional.

São Paulo. Nela, são apresentadas as mudanças da região como fruto de uma ressignificação – e gentrificação – do espaço pela ação dos sujeitos no mundo e nas lutas que engendram:

O Baixo Augusta foi vinculado a movimentos como ‘Existe amor em SP’ e o de defesa do Parque Augusta – um dos símbolos mais importantes da nova São Paulo que nasce no imaginário de quem luta por uma cidade para pessoas, mais verde e inclusiva – e a dezenas de coletivos que utilizam a Praça Roosevelt como espaço de diálogo e deliberação de suas ações políticas. A região está diretamente ligada ao novo ativismo da cidade (p. 88).

Este mesmo espaço que envolve o “novo ativismo” é marcado ainda pelas tensões sociais e econômicas e se tornam emblemáticas para a observação dos jogos de poder presentes na vida social. Conforme aparece em TRIP: “Entretanto, como sabemos, esse interesse despertou a ação nociva das grandes incorporadoras, que, com objetivo de gerar lucros, criaram um dos mais radicais processos de especulação imobiliária da história recente da cidade” (p. 88). O espaço se delinea aí como um conceito chave capaz de revelar tensões sociais distanciando-se da ideia de que ele seria neutro ou mesmo objetivo, embora tais tensões não alcancem o cerne das preocupações e inquietações narrativas da revista. Afinal, antes do texto de Youssef, há um editorial fotográfico sobre o “garimpo urbano” – móveis e objetos antigos que são ressignificados e vendidos por jovens empresários em São Paulo – no qual uma variável da ideia de gentrificação – pelo consumo *vintage* ou retrô – encontra-se suavizada sob o tom de sustentabilidade (p. 76 – 87).

Essa oscilação da conflitividade social na organização do espaço ganha mesmo destaque na curta matéria “Revolução habitacional” (p. 38), que apresenta um programa de reformas em residências populares a preços considerados mais acessíveis com o objetivo de melhorar as condições de habitação. Nela, os responsáveis pelo programa explicam que pretendem dar suporte para a permanência no território a partir da melhoria das condições de vida, pontuando as questões relativas às disputas sociais pelo espaço.

Assim, enquanto vemos o espaço como afetado pelas representações e pelos conflitos sociais, mostra-se a resistência do espaço à ação humana. Dentro dessa perspectiva, e olhando para o conjunto das matérias, pode-se dizer que em TRIP #251, as tensões da representação do espaço, implicando o tempo por esta via da mudança, aparecem elaboradas em três eixos discursivos: pela preservação, pela conservação e pela degradação.

A preservação aparece como uma tentativa angustiada de parar

o tempo e suas mudanças: preservar o mundo material desta passagem e da ação das pessoas, de seus corpos e suas marcas. Esta seria, inclusive, uma batalha fracassada: o tempo e os sujeitos passam pelo mundo e o habitam, transformando-o ainda que involuntariamente. Na coluna “Minha Casa, minha vida”, de Ricardo Guimarães, aparecem essas resistências:

you já foi a alguma casa em que o sofá é coberto com um plástico que só é tirado no dia em que vem visita? Ou casa em que os donos cortam todas as árvores e ladrilham o piso para não ter que varrer o chão todo dia? Essas imagens ilustram uma das mais dramáticas lutas que a gente cultiva em nossos corações e mentes: o conflito entre tempo e espaço. O espaço é nosso corpo, nossa casa, nosso carro que a gente quer impedir que se deteriore com o uso e com o tempo (p. 98).

Interessante notar que essas resistências são fracassadas no seu objetivo (a preservação é uma meta impossível) e no seu princípio: tentar empreendê-la é uma forma de assumir a inevitabilidade da mudança. A resistência a ela só existe diante dessa pressão já dada pelo tempo e pelos sujeitos. Ao resistirem, assumem sua força.

Associado a essa crítica ao preservacionismo, manifesta ainda um elogio conturbado ao passado: se quem resiste ao reconhecimento da mudança (e às forças mobilizadas para barrá-las) é criticado, o elogio do tempo serve de justificativa para o consumo do luxo e converte-se numa marca de autenticidade. No já citado editorial de moda “Garimpeiros Urbanos” – que embaça as fronteiras do jornalismo ao mesclar uma discussão sobre os antiquários enquanto promove a venda de peças e mesmo das roupas dos entrevistados – são relatados três casos de pessoas que compram, organizam e revendem produtos de decoração e mobiliário de antiquário. Em todos os três grupos, reforça-se que as peças nunca são restauradas, apenas limpas e “conservadas”, para manter as características originais e de uso. Um dos entrevistados explica: “Prefiro apenas fazer a conservação do mobiliário. O uso carrega a peça de beleza e charme” (p. 78); outro, pondera: “Preferimos comprar e vender as peças ‘no estado’, com as marcas do tempo. Isso evita falsificação e o cliente pode dar o toque dele no restauro” (p. 85). Isso relembra o caráter circunstancial do valor, tal como defendido por Santos (2004), fazendo funcionar a cobertura.

Estabelece-se então um conflito que atravessa de sentido os textos e revela um trato com e pela noção de espaço: conservar é impossível, pois nega o caráter de mudança desde sempre presente nas lógicas do tempo e da ação dos sujeitos; por outro lado, conservar o “já mudado” é uma meta para garantir a autenticidade da peça. Ou seja: há

um limite para o que se considera valorizável nas mudanças. O corpo e o tempo são acionados e, alocados valorativamente nos objetos do mundo, marcam uma distinção e uma qualidade estilística, na medida em que remetem a um espírito nostálgico, a uma outra época. Atualizar o uso de peças, como no editorial de moda, mudando suas formas no presente, no aqui e agora do tempo, é uma desvalorização, uma perda. O tempo vale se for passado: o tempo nostálgico, o tempo vivido pelo outro, o tempo inescapável ao agora.

Essa relação aparece no relato do tempo experimentado no presente: como lidar com o hoje e reconhecê-lo como tempo? O presente não é singularizado no discurso, ele é espacializado. O tempo presente aparece quando se fala da própria casa e das experiências cotidianas no espaço. Atravessa as matérias e vai figurando-se como mote editorial. Isso se evidencia na crônica de Autumn Sonnichsen, “Meu lugar no mundo”, em que para falar do espaço, ela se vale do verbo “fazer”, conjugado no presente, para desenvolver a ideia de perda e evanescência: “A câmera faz essas mulheres virarem as minhas mulheres. Faz o mundo ser meu. Faz a minha casa ser qualquer apartamento alugado por alguns dias em cidades que eu nunca tinha visitado antes. Faz você ser meu, faz eu ser de você” (p. 96).

O espaço se torna redutível a um objeto – a câmera – e às relações que se pode articular por meio dele, desvinculando-o de uma ambiência material. Nesse esforço de ater-se ao presente, a espacialidade como lugar para se habitar e abrigar relações é vinculada ao tempo passado – pois o presente é um tempo do agora, sem um “aqui” definido. Contraditoriamente, essa apreensão possível do espaço-tempo procura fixar essas dimensões: como num lapso, gera, canhestramente, uma objetificação do mundo e do outro, revelando um desejo de dominância sobre os corpos, os tempos e os espaços do outro/dos outros.

Já o futuro é uma radicalização do tempo presente: ele se manifesta por uma perda do espaço, tal qual afirmado na coluna “No futuro, seremos todos nômades”, de Ronaldo Lemos (p. 90). Neste tempo porvir estaremos destituídos dos escritórios, hospitais, escolas ou mesmo do lar:

Há uma corrida entre as empresas globais para produzir kits de exames laboratoriais que dispensem aquela incômoda ida ao laboratório para colher sangue ou outros materiais. Um exemplo disso são os exames de gravidez, que podem ser encontrados em qualquer farmácia. A aposta é que outros tipos de exames seguirão a mesma linha. Vão ser comprados na farmácia e feitos em casa. Com isso, todo mundo que estiver triste com a desmaterialização da ideia de “lar” pode ficar tranquilo. Todo resto também vai se desmaterializar (p. 90).

E, quanto a isso, não caberia lamentos, pois se no futuro estaremos todos na mesma condição, não haverá passado que nos recorde do que perderemos. Aqui, alude-se a um futuro que vai negar os passados narrados na própria revista: não teremos o impulso preservacionista nem conservacionista com relação ao passado (perderemos o valorizável – e capitalizável – do passado nostálgico). Ao supor a ausência do espaço, rompe-se também com o tempo. Se operam aos pares, este binômio (espaço-tempo) se desintegra ao se deparar com um cenário que não lhe reconhece como unidade. Na Edição #251, ecoa-se um futuro destituído de tempo; um futuro perdido no espaço. Um futuro aplainado, sem mudanças a desenhar, sem passado a reconhecer – futuro perde seu lugar no *tempo*.

Assim, TRIP, ao narrar o espaço e a sensação de acolhida que a “casa” possui, acaba por dizer do tempo e da angústia de viver a perda do próprio lugar. Essa perda acontece à revelia dos sujeitos, ela se imiscui na vida cotidiana pela passagem do tempo que, sutil e inevitável, vai modificando o espaço e nos fazendo perder a referência que um dia acolhíamos. Vai afetando, também, a narrativa, fazendo-se liame editorial para falar do espaço, já que é o tempo que se move como costura entre os textos.

#### **4 Considerações finais**

Tempo e espaço, em sua articulação, travam uma relação de afetações, na qual os sujeitos são implicados e tornam-se moduladores diante das tensões que aí emergem. Ou seja, a dinâmica afetacional constituinte deste binômio não passa à margem das atuações dos sujeitos que experienciam essa relação. Por este viés, o espaço aparece como o plano no qual o tempo deixa suas marcas: o tempo inscreve-se num mundo – material e imaterial – reverberando nos sentidos simbólicos e organizativos do espaço. O passado e presente se entrelaçam e se tensionam, permitindo a observação das brechas sendo abertas e tensionadas no processo conflitivo de constituição do futuro. E o futuro – múltiplo e incontido pelos seus anteriores – revela-se fruto das tensões e emergências do antigo/novo e das atuações intersubjetivas que se desenham nas brechas do tempo e do espaço.

Assim, o jornalismo praticado na Edição #251 da revista TRIP, de maneira segmentada e enviesada, articula tempo, espaço e sujeito como implicados nos processos de constituição e organização do mundo no qual vivem e constituem suas experiências. Ao fazê-lo, opera também tempo e espaço como nós editoriais, que tramam a relação entre os textos e criam mote para uma cobertura.

TRIP se converte então, por meio de suas textualidades, numa

narrativa que, pelo espaço, anseia por uma tática de sobrevida no/ ao tempo, revelando-o por suas relações com o espaço. Cria um sentido transversal de tempo, que atravessa uma organização invisível das matérias e faz pulsar uma perspectiva editorial, além de fazer “funcionar” jornalisticamente o binômio espaço-tempo para além dos temas das pautas “em si”. Mais que isso, retoma e materializa uma historicidade da própria publicação (TAVARES, 2018).

Em síntese, pode-se dizer que em TRIP, embora se ofereça como mote o espaço, o tempo é a dimensão privilegiada para a organização das narrativas. Com isso, o espaço é percebido, principalmente, pela passagem do tempo (pelo passado) e pelas marcas que ele deixa nos objetos que toca. Já o presente emerge como momento no qual a organização do espaço se torna manifesta: nele movemos os nossos objetos, promovemos nossas mudanças e reordenamos seus sentidos. Quanto ao futuro, ele se revela um porvir, indeterminado e inseguro, pois está confrontado com a possibilidade de esfacelamento do espaço: há um certo temor de que a perda do espaço implique numa ruptura com o modo como lidamos com o tempo, pois já não haveria um “lugar” por onde o tempo poderia “passar”.

Tal análise, para além do resgate de uma reflexão sobre as temporalidades, contribui para amadurecer o olhar que percebe a relação intrínseca entre o binômio tempo-espaço e permite problematizar as experiências do tempo vivenciadas pelos sujeitos na vida social em termos de constituição e afetação. Segundo Ribeiro, Martins e Antunes (2017), a análise comunicacional não pretende situar objetos em um certo contexto histórico ou em uma determinada cronologia. Busca ver como eles são atravessados e convocam, constitutivamente, distintas temporalidades. Os achados deste artigo, nessa esteira, permitem também ressaltar a riqueza desta articulação como forma de dar conta de outros fenômenos comunicacionais, refletindo sobre o papel constituidor do tempo, bem como do espaço, enquanto chave para refletir a representação e a organização das afetações que atuam na vida cotidiana.

## Referências

ABRIL, Gonzalo. **Análisis crítico de textos visuales**: Mirar lo que nos mira. Editorial Síntesis, Madrid, 2007.

BARBOSA, Marialva Carlos. Tempo, tempo histórico e tempo midiático: interrelações. In: MUSSE, Christina Ferraz; VARGAS, Herom; NICOLAU, Marcos. (Org.). **Comunicação, mídias e temporalidades**. 1ed.Salvador: EdUFBA, 2017, v. 1, p. 19-36.

BARBOSA, Marialva; REGO, Ana Regina. Historicidade e Contexto em perspectiva Histórica e Comunicacional. **Rev. Famecos (Online)**. Porto Alegre, v. 24, n. 3, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2017. ID26989

BENATTI, Grahal. **Da Trip à TPM: um estudo sobre a produção de significados no mercado de revistas**. 2005. 207 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.

BENETTI, Márcia; STORCH, Laura; FINATTO JUNIOR, Paulo R. Jornalismo de revista, meta-acontecimento e dispositivo de autoridade. In: LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo (Org.). **Jornalismo e acontecimento: percursos metodológicos**. v. 2. Florianópolis: Insular, 2011. p. 55-78.

BERGER, Christa. Imprensa e ideologia ou como os jornais reconhecem o presente. In: SILVEIRA, Helder Gordim da; ABREU, Luciano Aronne de; MANSAN, Jaime Valim. (Org.). **História e Ideologia: perspectivas e debates**. Passo Fundo: UPF editora, 2009, v. H672, p. 333-352.

BUITONI, Dulcilia. **Mulher de papel**. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

CARLI, Maria Fernanda Nedochetko. **Revista Topview, Estilos de Vida e o Leitor: Interfaces de Uma Relação em Curitiba**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens). Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2013.

FRANÇA, Vera Veiga. Sujeito da comunicação, sujeitos em comunicação. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera Veiga. (Org.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, v. 1, p. 61-88.

FREIREFILHO, João. Poder de compra: pós-feminismo e consumismo nas páginas da revista Capricho. In: Ana Sílvia Lopes Davi; Denize Correa Araujo; Fernanda Bruno. (Org.). **Imagem, visibilidade e cultura midiática. Livro da XV COMPÓS**. Porto Alegre: Sulina, 2007, v. , p. 113-140.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e**



experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora Puc-RJ, 2006.

LEAL, Bruno. Do texto à textualidade na comunicação: contornos de uma linha de investigação. In: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto de; ALZAMORA, Geane. (Org.). **Textualidades Mediáticas**. 1ed. Belo Horizonte: Selo PPGCOM, 2018, v. 1, p. 17-34.

LEAL, Bruno; LAGE, Igor. A retórica testemunhal em narrativas da Trip, TPM e Rolling Stones. **Brazilian Journalism Research (Online)**, v. 11, p. 64-81, 2015.

MEAD, Georg Hebert. **The philosophy of the present**. Londres: Open Court Company, 1932.

MIRA, Maria Celeste. Cultura e Segmentação: um olhar através das revistas. In: SILVA, Ana Amélia da; CHAIA, Miguel (Orgs.). **Sociedade, cultura e política**: ensaios críticos. São Paulo: EDUC, 2004. p. 246-259.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas**: a segmentação da cultura no século XX. São Paulo: Olho D'Água, 1999.

RIBEIRO, Ana Paula G.; LEAL, Bruno; GOMES, Itânia. A historicidade dos processos comunicacionais: elementos para uma abordagem. In: MUSSE, Cristina; VARGAS, Herom; NICOLAU, Marcus. (Org.). **Comunicação, mídia e temporalidades**. 1ed. Salvador: Edufba, 2017, v. 1, p. 37-58.

RIBEIRO, Ana Paula G.; MARTINS, Bruno Guimarães; ANTUNES, Elton. Linguagem, sentido e contexto: considerações sobre comunicação e história. **Rev. Famecos (Online)**. Porto Alegre, v. 24, n. 3, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2017. ID27047

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 3. Campinas: Papyrus, 1997.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço** – técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2004.

TAVARES, Frederico de Mello B. Reconhecimento do tempo e identidades editoriais nas revistas TRIP e TPM. **Relatório Final**

**de Pesquisa**, Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PROPPi). Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP, 2018.

TAVARES, Frederico de Mello B. Temas que acontecem: operações entre jornalismo de revista e qualidade de vida. **Eco.Pós** (UFRJ), v. 12, p. 87-101, 2009.

TAVARES, Frederico de Mello B.; PRADO, Denise Figueiredo B. Uma viagem no tempo: nostalgia e memória numa edição da Trip. **Vozes e Diálogo**, v. 161, p. 120-136, 2017.

RECEBIDO EM: 11/05/2020 ACEITO EM: 22/07/2020